As meninas-que-cortam Ana Marta Lobosque

Neste dia internacional das mulheres, quero falar um pouco das meninas-que-cortam. Elas participam assiduamente da clientela que frequenta os serviços de saúde mental da cidade. Sua marca - sua griffe - é o corte. Múltiplos cortes, na verdade. Frequentemente nos braços, paralelos, todos eles superficiais, mas renovados quando cicatrizam. Elas podem mostrá-los logo de início, até mesmo exibi-los com algum orgulho, ou, mais recatadas, escondê-los, para mostrá-los noutro momento. É preciso que os cortes cheguem ao conhecimento dos pais ou cuidadores mais próximos, o que se pode fazer diretamente, cortando-se perto deles, ou, por vias mais tortuosas, através de uma amiga qualquer. Aliás, os cortes são quase sempre ações entre amigas: fotografias deles circulam secretamente nos "zaps", para acabar vazando, mais cedo ou mais tarde. Há toda uma cultura contemporânea do corte: sites, blogs, conversas pessoais ou em grupo, tratam dessa estranha arte de cortar. É bastante comum que as meninas-que-cortam relatem também outros sintomas/ problemas. O uso de drogas não é raro. Muitas vezes, dizem escutar vozes que as mandam matar-se, que as subestimam e acusam. E as chamadas tentativas de autoextermínio quase sempre fazem parte da história: elas tomam comprimidos (benzodiazepínicos, antidepressivos) de preferência aqueles usados por suas mães. Em Belo Horizonte, vão parar nas UPAS, onde se constata a ausência de consequências mais sérias; no mesmo dia, no máximo no dia seguinte, são encaminhadas para os Centros de Referência em Saúde Mental da Criança e do Adolescente. As meninas-que-cortam são fortes candidatas a uma carreira de pacientes psiquiátricas – que, uma vez iniciada, dificilmente terá retorno, e as levará pela vida afora através dos mais estéreis caminhos. Caminhos semelhantes aos de suas mães e avós, que, em sua maioria, tiveram a sua infelicidade diagnosticada como "depressão" e usam psicofármacos, sendo personagens muito conhecidas nos centros de saúde. Vidas ruins, a de todas elas, avós, mães e filhas: vida de gente pobre (embora muitas vezes nem tanto, economicamente, mas de uma grande pobreza cultural); vida de mulheres cujos pais, maridos, irmãos, pegam pesado, usam e abusam; vida de gente injustiçada, que sofre mas não sabe que sofre... de injustiça. Abordar as meninas-que-cortam num atendimento nem sempre é tarefa fácil. Correm se dois riscos. O primeiro é o da recusa: duros demais, achamos que se trata de simulação, de mentira, de falsos problemas, indignos da atenção de serviços de urgência que têm muito mais o que fazer. O segundo é o do alarme: sensibilizados demais, somos capturados pelo apelo, tememos em demasia o risco de suicídio, e, assustados, medicamos, colocamos a menina em permanência-dia, enfim, acionamos todos os pesados dispositivos da medicalização e da institucionalização. Para bem atender as meninas-que-cortam, é preciso transpor algumas barreiras a uma conversa com elas, barreiras que se encontram em suas próprias maneiras e atitudes. Uma barreira pode ser aquilo que os velhos psiquiatras chamavam de belle indiférènce: "Não, não tenho nada, está tudo normal"; ou, numa outra modalidade, quando nos dizem que querem morrer, com a cara mais indiferente do mundo. Outra barreira: sim, elas podem mentir, dramatizar, exagerar. Mas o teatro é uma forma de expressão, e para quem bem escuta, também vale! Afinal, médicos, psicólogos e outros sabichões, lembrem-se de Caetano: "Você tem a verdade e a verdade é seu dom de iludir/ Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir?" Outra, ainda: as-meninas-que-cortam podem ser insuportavelmente mimadas e exigentes. O que não significa necessariamente que seus pais as mimem, embora aconteça; significa sempre que elas querem mimos e os procuram com ávida intensidade; estão dispostas a derramar sangue - um pouco de sangue - para obtê-los. No entanto, quando uma posição acolhedora e sobretudo bem-humorada nos ajuda a transpor algumas barreiras, problemas que as afetam são relatados, e soluções mais férteis podem ser encontradas. Brigas

e intrigas na escola, nas redes sociais; desacertos com os namorados ou namoradas (quando se trata de namoradas, elas também costumam ser meninas-que-cortam!). Questões que Freud chamaria edípicas: interesse apaixonado pelas relações entre os pais, seus amores e desamores; idealização do pai que saiu de casa, busca insistente pelo seu amor, ou ruptura ostensiva e dramática com ele; relação conflituosa com a mãe, oscilando entre momentos de intimidade excessiva e outros de raiva insuperável; disputas com irmãos e irmãs supostamente mais amados; marcas da sexualidade infantil reativadas na puberdade, e assim por diante. Não há nada disso que não se encontre nos casos freudianos clássicos de histeria, nas Doras e nas Elizabeths. Não é preciso inventar novas categorias diagnósticas para as meninas-que-cortam, o DSM não acrescenta nada. Nada disso é muito original, não é? Mas na clínica a originalidade surge é do jeito que essas coisas banais se configuram para cada uma, a forma pela qual surge, o jeito que o sujeito procura para respondê-las e, ao mesmo tempo, o laço singular da transferência a enlaçá-la com aquele que escuta. Daí, o atendimento sai da estereotipia e do tédio; começa a ficar interessante, divertido. A menina ri. A gente também. A menina chora. A gente não. A menina pede remédio. A gente não dá. A menina pede palavras. A gente oferece. A menina ameaça. A gente se cala. A menina diz que não nos quer mais. A gente diz que continua querendo ela. Neste Dia Internacional da Mulher, eu desejo de todo o meu coração que as meninas que-cortam se tornem livres e belas, como todas as mulheres desejam e podem ser. Que as suas questões – questões femininas – não sejam silenciadas pela tutela e pela vigilância, nem pelo desdém e pelo menosprezo. Que suas palavras encontrem registro numa escuta serena; que busquem saídas nos atendimentos, nas artes da saúde e da cultura, na dança e na escola, na música e na convivência, na família e na cidade. Que não sejam empurradas para a lamúria, a doença, a resignação; mas bem-vindas à luta dura e corajosa pela qual transformamos a cada dia nossa condição de mulher.

Saúde Mental de Crianças e Adolescentes NÚMERO 1, 2019 SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL: TERRITÓRIOS, POLÍTICAS E CLÍNICAS DE RESISTÊNCIA Organização de LUCIANA TOGNI DE LIMA E SILVA SURJUS MARIA APARECIDA AFFONSO MOYSÉS